Xênia de Castro Barbosa
David Gonçalves Teixeira
Graciane Pinheiro de Souza
(Organizadores)

A TERRA ENTRENÓS

EDITORA
IFRO

A TERRA ENTRENÓS

Xênia de Castro Barbosa
David Gonçalves Teixeira
Graciane Pinheiro de Souza
(Organizadores)

Porto Velho

EDITORA IFRO
Editora do Instituto Federal de Rondônia

2025

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - IFRO

Reitor Moisés José Rosa Souza

Pró-Reitor de Ensino Jean Peixoto Campos

Pró-Reitora de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação Xênia de Castro Barbosa

Pró-Reitora de Extensão Érica Patrícia Navajo

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional Mauro Henrique Miranda de Alcântara

Pró-Reitor de Administração Elisandro de Moura Martins

EDITORA DO INSITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA

Editor-chefe Sergio Francisco Loss Franzin

Bibliotecária Roseni Santos Rodrigues

CONSELHO EDITORIAL

Presidente Dr. Luis Ribeiro Medeiros
Dr. Leandro Dill
Drª. Ilma Rodrigues de Souza Fausto
Dr. Nison Santos
Drª. Xênia de Castro Barbosa
Dr. Adamir da Rocha Nina Junior
Dr. Marcos Barros Luiz
Drª. Lady Day Pereira de Souza
Drª. Iranira Geminiano de Melo
Drª. Valéria Costa de Olivera

CAPA Anoitecer em Papagaios. Obra de Flávio Dutka

COMISSÃO ORGANIZADORA DO V CONCURSO ENTRENÓS DE EXPRESSÃO POEMÁTICA

Coordenador (IFG) Olliver Mariano
(IFRO) David Gonçalves
(IFSul) Gilnei Oleiro
(IFMA) Rodolfo Cabral
(Cia. Poesia Que Gira) Thaíse Monteiro

A TERRA ENTRENÓS

Ficha catalográfica

I31t

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.
A terra entrenós / Xênia de Castro Barbosa, David Gonçalves Teixeira, Graciane Pinheiro de Souza (orgs.). - Porto Velho : Editora IFRO, 2025.
59 p. : il.

ISBN 978-65-989425-0-2

1. Poesia brasileira. 2. Meio ambiente - Poesia. 3. Sustentabilidade - Literatura. 4. Instituto Federal de Rondônia - Produção literária. I. Barbosa, Xênia de Castro. II. Teixeira, David Gonçalves. III. Souza, Graciane Pinheiro de (orgs.). IV. Título.

CDD: 869.93

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916

Editora do Instituto Federal de Rondônia
Avenida Lauro Sodré, nº 6.500, Reitoria, Aeroporto.
76803-260 - Porto Velho - RO
Tel.: (69) 2182-9601
portal.ifro.edu.br
editora@ifro.edu.br

PREFÁCIO

O MEIO DE TUDO

Livros são chamados de obra. Alguns de obra-prima. Isso ocorre porque todo livro não é algo comum. Se for literário então, aí é que não pode ser assim considerado, menos ainda quando trata de poesia.

"A terra entrenós" é um livro a ser lido!

Ele é resultado do V Concurso Entrenós de Expressão poemática, promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Foi uma ação que provocou pessoas a se embrenharem na arte poética para criar poemas sobre o meio ambiente e tudo o que a ele se liga. Compõe-se de poemas, mas, antes de tudo, de inspiração, reflexão e crítica.

É um livro expressão!

Expressar em palavras o meio ambiente é, antes de tudo, retratar o Eu que se conecta com o espaço físico. É lançar-se o olhar para fora do ser humano ao mesmo tempo em que traz para si o espaço como fonte de sabedoria e bálsamo: "Quero aprender a essência feminina, a cura da Terra e os segredos da vida".

Um livro que provoca!

Os textos deste livro advêm de impressões de pessoas que se dispuseram a não apenas habitar o espaço, mas a olhar para ele, a senti-lo, a refletir para transformar em palavras sua dimensão e diversidade, sua beleza e tenebrosidade, sua riqueza que provoca ganância nos homens, seus ecos de vida e morte.

Um livro sonoro!

As poetas e os poetas ouviram esses ecos que encantam, mas agonizam: "Ouço a floresta emudecida / como quem grita em língua morta", pois, antes, "A vida era verde" e, hoje, "Hoje, a canção é outra. / O ar traz cheiro de fumaça, / os rios choram em silêncio, / e as árvores, uma a uma, / caem como soldados esquecidos na guerra".

É um livro ancestral!

Nele, presente e passado se entrelaçam nos elementos na terra fincados e tecem a linha do tempo do hoje e do ontem, do ontem e do hoje rumo ao futuro, pois “Folhas sussurram histórias de ancestrais, raízes abraçam a terra com memória viva”, sentencia a poeta.

Um livro reflexão!

O que somos? Um conjunto. Um conjunto de todos juntos em um só conjunto chamado meio. Onde estamos? No conjunto. No conjunto de que somos parte, meio e fim, tudo se entrelaça pela presença do tempo e se despedaça pela ação do homem. Não há barreiras entre passado, presente e futuro. Há o Tempo. Há o Meio ambiente. O Tempo segue a linha tênue da vida, e o Meio suportando nossas ações. Até quando?

É. Este livro é necessário.

Urgente é a leitura deste livro. Convido você a ler “A terra entrenós” e incomodar-se, revoltar-se, preocupar-se. Não é possível continuar passivo, pois “o ambiente em chama / coluna gasosa / flama / o ambiente clama / por uma nova ética / humana”. O alerta soa forte. Você ouve?

Moisés José
Primavera de 2025

APRESENTAÇÃO

Após 10 anos da celebração do Acordo do Paris, a COP-30 retoma seus termos, ciente da urgência em assegurar medidas efetivas para deter o aumento da temperatura global e reverter as mudanças climáticas que têm colocado em risco a vida na Terra.

Na esteira da preparação para a COP-30 enfatiza-se a necessidade de transição para uma economia de baixo carbono, o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis e a proteção dos ecossistemas, que só é possível com a proteção dos povos e comunidades que neles vivem, e que deles dependem para obter seu sustento e conservar sua cultura e modos de vida. Não há como salvar a Terra sem cuidar das pessoas que dela cuidam, e sem superar o modo de produção vigente e sua lógica predatória e colonial.

Este livro nasceu desse contexto de ponderação sobre as mudanças climáticas, nas vésperas da COP-30. Expressa, de forma poética, reflexões, sentimentos e percepções esteticamente trabalhadas por servidores e estudantes do IFRO e por poetas convidados, que acolheram o convite da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Rondônia (PROPESP) para participar do V Concurso Entrenós de Expressão Poemática – ação idealizada pelo professor de Língua Portuguesa Sergio Loss Franzin, e que neste ano foi retomada sob os cuidados de nossa Pró-Reitoria.

O livro é composto por 45 poesias, de estilos e técnicas variadas, selecionadas e organizadas a partir de delicado trabalho de organização realizado sob a orientação experiente e paciente do professor Olliver Robson Mariano Rosa, a quem agradecemos.

As poesias apresentadas denotam múltiplos sentimentos e percepções sobre um ambiente rico e diverso: terra, água, árvores, pessoas. Um ambiente portentoso, generoso, provedor; e ao mesmo tempo enigmático e avassalador, profundo como as águas escuras de seus rios e como suas

densas florestas, que se encontram ameaçadas. São percepções e sentimentos de pessoas que vivem nesse espaço, que enfrentam as mudanças climáticas em seus territórios, no cotidiano de seus afazeres: em casa, no trabalho, no lazer, no caminho de ida e volta da escola... Sua força está nesse vínculo telúrico, nesse conhecimento empírico do ambiente habitado, nessa poesia que transborda desejo de mudança.

Desejamos uma excelente leitura!

Os organizadores.

Sumário

PARA AMAR E CURAR A TERRA: QUERO APRENDER COM AS ORIGINÁRIAS .. 2
PULSO VERDE DA TERRA 4
AS ÁRVORES NA PAREDE 5
OS DONOS DO FIM 6
ECO DO ÚLTIMO SEGUNDO 8
DESPEDAÇOS DE PAZ 9
PORTO VELHO, SETEMBRO DE 2024 10
RIO MADEIRA 11
RÉQUIEM DAS CINZAS 12
MADEIRA, RIO QUE SANGRA 13
SEMENTE 14
A IMAGEM ME ARDEU OS OLHOS... 15
FIM, INÍCIO E MEIO AMBIENTE 16
ENTRE FLORES E SEMENTES 18
BRINCANDO E CELEBRANDO O MEIO AMBIENTE!? É O QUE É!? 19
NATUREZO-TE 21
QUI TERRAM OCCIDIT, PRIMUS MORITUR 24
RAÍZES QUE RESPIRAM 25
O MUNDO PODE SER SALVO? 26
ENTRE A TERRA E O TEMPO 27
A ROSA QUE ERA O PLANETA 29
VERDE PELO CINZA 30
CORRENTEZAS DE NÓS 31
CORAÇÃO DE TERRA 33
NO CORAÇÃO DO SERTÃO, O MEIO AMBIENTE 34
REFLEXO DA SECA, A DOR DA PERDA 35
SE EU MORRER, VOCÊ IRÁ JUNTO 36
NO MANTO VERDE A VIDA DANÇA 37
CICATRIZES DA NATUREZA 38
FRAGMENTOS VERDES 39
OH MÃE NATUREZA TÃO BELA! SERÁ QUE TODOS VEEM TUA BELEZA? 40
QUANDO TUDO ERA SÓ MATO 42
NATUREZA EM VIRTUDE 43

FOI A MÃO DIVINA A TE CRIAR..... 45
DESEJO E ESPERANÇA DA VOLTA..... 46
TERRA MATER..... 47
MUDE ENQUANTO HÁ TEMPO..... 49
O JARDIM..... 51
BELEZA QUE ESCONDE DOR..... 52
A REVOLTA DA NATUREZA..... 53
O MEIO AMBIENTE TAMBÉM SENTE..... 54
SEMENTE DO AMANHÃ..... 55
PORTO VELHO..... 57
NATUREZA MORTA..... 58
FLAMA..... 59

POEMAS DE SERVIDORES

O grande lago
Obra de Flávio Dutka

PARA AMAR E CURAR A TERRA: QUERO APRENDER COM AS ORIGINÁRIAS

Janelene Freire Diniz

Quero aprender com as originárias
as mazelas da Modernidade renunciar,
pertencer à Terra,
a ancestralidade abraçar.

Quero aprender com as originárias
a Mãe-Terra amar,
compreender seus sinais,
toda forma de vida reverenciar.

Quero aprender com as originárias
a caminhar pisando suavemente no chão,
plantando sementes,
colhendo frutos,
cultivando conexão.

Quero aprender com as originárias
a luta em defesa da Terra,
aprender a cuidar do planeta,
a preservar nossos rios e nossas florestas.

Quero aprender com as originárias
a sonhar outro mundo, outra realidade,
onde não haja exploração
apenas partilha e solidariedade.

Quero aprender com as originárias
todas as vidas respeitar,
as vozes das plantas, dos rios,
dos ventos, dos animais,
quero aprender a escutar.

Quero aprender com as originárias
a celebrar em comunhão,
cantar, dançar com esperança,
acreditar de espírito, mente e coração.

Quero aprender com as originárias
a ser corpo-território, espiritualidade, raiz e guarida.
Quero aprender a essência feminina,
a cura da Terra e os segredos da vida.

PULSO VERDE DA TERRA

Eudocia de Freitas Batista Salvatierre

No coração do mundo pulsa um verde sem fim,
onde o céu se curva em reverência ao rio sem margens.
A Amazônia respira em silêncio profundo,
guardando segredos que só o tempo compreende.

Folhas sussurram histórias de ancestrais,
raízes abraçam a terra com memória viva.
Cada gota de chuva traz bênção e promessa,
cada canto de ave desenha poemas no ar.

Mas há quem fira o ventre da floresta,
com mãos de fogo e olhos cegos de ambição.
E mesmo assim, ela resiste, mãe guerreira,
com a força dos ventos e o clamor dos seus filhos.

Que sejamos ponte entre o agora e o eterno,
guardando o verde como quem guarda o próprio nome.
Pois proteger a Amazônia é proteger o futuro,
é ouvir o chamado da vida em sua forma mais pura.

AS ÁRVORES NA PAREDE

Sergio Francisco Loss Franzin

Salve a seiva que salva! — mas não havia o rito...
Imploravam mesmo sem saber os animais e as crianças,
Desejavam os abandonados nas sombras das esperanças,
Mas os motores sufocariam os gritos, choros e lamentos,
Causando a queda colossal do bom senso em sofrimentos...

Foi decretada a morte de três árvores! — no Norte, bem aqui...
Dez mil folhas sucumbiram por uma falha... humana.
Três troncos e duas mãos guiadas por uma mente... profana.
A luz seca do sol de 40 graus queimou a pele do solo... árido.
O suor passou a jorrar das horas de um abandono... pálido.

Repiquem, recortem, recolham, carreguem! — sem causa nem pausa...
— Joguem as árvores de verde vida no muro morto, na parede.
Não importa se reduzem a vida e se aumentam a sede.
Façam traços, rabiscos, manchas e colorações com arte,
Porque o todo de todos é menos do mais de minha parte.

Olhem que lindas as árvores na parede! — cola de escola.
Crianças imóveis sob copas frondosas desbotando,
Sem folhas secas, flores e frutos pelo chão se amontando,
Mas carimbadas em uma parede que se estica e aprisiona,
Em um meio de um ambiente que muito menos acolhe do que abandona...

A escolha de uma escola como decisão monocrática! — a-li-e-na-da...
O espaço é público, mas a decisão foi pessoal, particular.
De parte a parte, ninguém opinou, mas por que se resignar?
Nem todos que olham das janelas em movimento podem ver...
Atrás das árvores pintadas na parede um sinal de morte que não para de crescer.
Salve a seiva que salva! — mas esta frase, este verso, sequer está lá.

OS DONOS DO FIM

Janneene Brum Guimarães

Está tudo escuro.
Não escuto mais o canto dos pássaros.
Em meus pés, eu não sinto o chão.
Apenas fuligens e mato queimado.

Olho ao redor e, apesar da escuridão, vejo pessoas em hospitais.
Até onde a ganância vai nos levar?
Provavelmente para o mesmo lugar que estamos destruindo.

"Nosso céu é sempre azul" — mas só em tempo chuvoso.
O ar me corta a garganta, espesso e vermelho.
Pois agora eu respiro sangue e expiro lágrimas.

A vida era verde.
Agora é cinza, seca, calada.
Mas o concreto segue firme.

Estamos sendo afogados em dilúvios de dinheiro de outros.
Morrem os rios. Morrem os bichos. Morremos nós.
Mas eles, os grandes, não sangram.

O desejo de ser mãe morreu.
Com ele, outras mortes.
Silenciosas. Diárias. Invisíveis.

A vontade de revoltar-se nasceu.
Quem sou eu?
Uma simples mortal.

Que impacto terei contra os grandes destruidores?
Sozinha, nenhuma palha será salva.
Em grupo, será possível queimar os grandes e regar um futuro.

Façamos retornar a luz e o céu azul.
Que o canto dos pássaros nos alcance outra vez.
Que a grama toque nossos pés antes que tudo vire cinza.
Que reste, ao menos, a esperança — antes que ela também morra.

ECO DO ÚLTIMO SEGUNDO

Simone Aguiar Fernandes

Sabe o tempo?
Está ficando escasso.
Tempo, esse que nos resta,
Para salvar nosso espaço
E reverter o que se tornou gasto.

Nosso meio, nosso ambiente,
Que, com dor e ranger de dentes,
Tem gritado insistentemente
Por socorro aos sobreviventes.

O que era fartura virou escassez
Pela exploração desenfreada
Que o ser “humano” fez;
Pela ganância e pela estupidez,
Sem precedentes, sem sensatez.

A ampulheta reduziu o ritmo,
Oportunizando que, em um gesto ínfimo,
Novas gerações tenham o dom sublime
De ver o pulsar da vida – um direito legítimo.

O som da vida ecoa, ressoa em meio ao silêncio da inércia,
Com resiliência fornece frutos e sustento como clemência.
Entre suspiros de esperança aspira consciência
E união de forças: sociedade, governança e ciência.

DESPEDAÇOS DE PAZ

Janaina Kelly Leite Chaves

A vida tá indo, pedaço por pedaço,
O ar tá pesado, fez-se nó e não laço,
O Todo chora de dor calada,
E a pele da Terra arde seca esturricada .

No entre sonhos e fel, a fé se desfaz,
Tem lágrima presa na garganta do verde que jaz,
E o fogo que desintegra a raiz,
vem pelas mãos que despedaçam a paz.

Vozes ancestrais sussurram verdades ignoradas,
Enquanto a selva de pedra fecha os olhos para as matas,
Capta-se um grito nas ruas despertas,
Dos que plantam futuro nas brechas abertas.

No solo ferido, pulsa a resistência,
Plantio de esperança em cada consciência,
Da luta pacífica se ergue uma nova linguagem,
E a vida renasce no berço da coragem.

PORTO VELHO, SETEMBRO DE 2024

Alyne de Fátima Lourenço dos Santos

Eu acordei com fome
Suco verde, duas tapiocas, café
E o vazio ainda permanece
Talvez seja anseio de viver
Talvez medo do fim do mundo
Ou um rombo que a fumaça que invade minha casa provocou no meu estômago
Minha íris também está ferida, só vejo cinza
Em todos os seus tons, e não me refiro a picância do cinema
Mas ao ardor de meus olhos e narinas
Ao horror que sou obrigada a testemunhar sem escolha
Sou figurante de uma distopia real
Péssima estreia como atriz
Ignoro o apocalipse e continuo atuando, trabalhando
Todas as manhãs ao ver a luz amarela em minha varanda
Imagino que estou no show de truman
Que a qualquer momento esse cenário de horror será rasgado e verei um azuuuuuuuul
Céu azul, “sempre azul, cristalino e muito puro”
Por ora, o único verde possível é da couve
Em que coloco toda fé que os antioxidantes
Curarão minha pele queimada, pulmões doentes e alma triste
Diante de uma Amazônia gris
Com destino M-AGRO

RIO MADEIRA

Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles

O rio sedimentado, amarronzado
As terras caídas à beira o tornam lindo a sua maneira
Nesse tom barrento, transportando troncos e galhos
E com mais de mil espécies de peixes, sendo quarenta raros.

Principal afluente do Rio Amazonas
Imerso na floresta tropical
Com relevo de depressões e bacia mais biodiversa
Passa por Porto Velho, nossa capital.

Contudo, barragens de hidrelétricas
urbanização, sobrepesca e garimpo ilegal
Degradam as águas ricas em nutrientes e sedimentos
Causando impactos a nível local, regional e global.

Como podem permitir destruir?
E Jirau e Santo Antônio?
A energia gerada pelas turbinas abastece o país
Mas ainda não sabemos o custo do que está por vir.

Quero falar deste rio que me encanta
Quero falar do pôr do sol que abraça Porto Velho a cada fim de tarde
Não podemos esquecer da beleza da nossa cidade
E vamos defender nosso Rio Madeira até a eternidade.

RÉQUIEM DAS CINZAS

David Gonçalves Teixeira

Brotar, crescer, florescer, florestar, abrigar... alvorecer.
Ocupar, desbravar, vender, desmatar, desenvolver... entardecer.
Preocupar, conscientizar, preservar, remanejar, conservar.. anoitecer.

Ecocentrismo, Otimismo, Inovação, Renovação
Nativo, proativo, modernismo, participativo
Ação, Reação, Poluição, Degradação, Urbanização, Destruição
Bioma, simbiose, ecossistema, mutualismo

Sustentar, planejar, reflorestar, prosperar... amanhecer.
Reduzir, *Reusar*, *Reciclar*, Reumanizar... poer.
Monitorar, fiscalizar, punir, coibir, proteger... enoitecer.

E onde o Verbo que se fez carne, a carne mata a carne...
E onde o Verbo criou o verde, a carne queima o verde...
E onde o Verbo pintou o azul, a carne envenena o azul...
E quando a carne não tiver nem o azul, o verde e o Verbo?

Então somente restarão as cinzas...

MADEIRA, RIO QUE SANGRA

Claudionor Trappel

Na beleza dessas águas, brinquei,
Nas suas curvas e cachoeiras, pesquei,
Nas suas praias de verão, me banhei.

Nunca imaginei que tamanha beleza,
Pudesse um dia findar, desaparecer, sumir
Pois a ganancia do homem, não tem limite
Em nome da nação, não para com a destruição,

Hoje, já nos campos da saudade, da velha tranquilidade,
Só vejo a modernidade, com gritos de agonia gerando energia,
Onde acampava, pescava, banhava, tudo é alagado.
hoje só um barquinho a deriva.

Levando gente assustada sem noção,
A uma usina a visitar.
Com obras faraônicas
Cheia de pedras, cimento e ferro.

Segurando uma estrutura.
Que antes da sua instalação.
Não precisava de proteção.
Pois tinha o pai da criação.

SEMENTE

José Jarlison dos Santos

Vamos fugir, procurar um lugar melhor.
Por que aqui, está cada vez pior.
Não quero lembrar do que vejo por aí.
Poluem o mar, poluem o ar.
Querem tombar toda a floresta em pé.
Para mais dinheiro empilhar.
Então vamos chorar, por esse planeta que já foi tão azul.
E agora está perdendo a cor.

Vamos plantar uma semente de esperança.
E quem sabe salvar, ou pelo menos tentar.
Não quero mais ver tanta fome e destruição.
Em vez de tanta dor, que floresça o amor.
Quero sorrir, sabendo que você está bem.
E que será um bom lugar. Pra meus filhos deixar.
Cuidem bem desse mundo, não poluam o ar e rios.
Cultivem o amor, pratiquem o bem.
Semeiem a paz, cultivem a paz, protejam esse mundo.

A IMAGEM ME ARDEU OS OLHOS...

Vera Lucia Lopes Silveira

O céu reflete o vermelho destemido,
Chamas... lambem o pulmão da terra.
Pegadas, fuga, silêncio interrompido,
Por inocentes, sem armas na guerra...

Cabelos verdes, agora em cinzas...
Olhos da fauna... lacrimejando.
No planeta, permeia a inquinza...
Um grito: Socorro! Já sufocando...

No ar, evapora o orvalho, sutil,
Não inebria a folha esperançosa...
Que vê ao longe o toque gentil,
Voar à distância da pele porosa.

O vento, valente, começa soprar
O fogo, enfrenta, o olho vermelho...
Seu oxigênio, só ajuda ampliar,
Recua agora, aceita o conselho...

O Universo, perplexo, observa:
Globo, chamas, fumaça e o fim...
Sob a cortina, esconde Minerva:
Quem destrói o Habitat assim?

FIM, INÍCIO E MEIO AMBIENTE

Jomel Francisco dos Santos

O meio ambiente é a morada da gente
Humanos e animais
Micro-organismos e vegetais
Onde quando em harmonia encontra-se em paz

É o início da vida de toda vida
Porque é no ambiente em que se encontra
Ar, água, comida
Tudo que a vida necessita

Mas também pode ser o fim
Quando não é cuidado por você, nem por mim
Mas não precisa ser assim
Precisa é ser cuidado
Respeitado e valorizado
Porque é no ambiente que está o que é mais sagrado

É no ambiente que está a vida
Quando respiramos ar puro
Bebemos água boa
E encontramos o que nos dá condição
Para bem viver

Por isso é de todos o dever
Principalmente do humano ser
Um ser que cuida
De maneira consciente e inteligente

Preservando o meio ambiente

Diminuindo a emissão de poluentes
Protegendo as matas e as nascentes
Garantindo o futuro da gente

Para que o meio ambiente
Não venha a ter fim
Vamos fazer a nossa parte
E para a preservação do meio ambiente
Vamos dizer sim!

ENTRE FLORES E SEMENTES

Fernanda Amaral Figueiredo

Não lembro o dia, nem a hora. Mas você partiu.
Procuro o primeiro esquecimento, a ausência inaugural.
Está tudo bem... Sei que é difícil estar inteiro, sempre.
E eu, que mal compreendo os abandonos,
sem perguntas, deixei você ir.

As pessoas são livres. E, nesse voo, me perdi de mim.
Olhar firme, lábios contidos entre os dentes — num retrato antigo,
esquecido num canto qualquer da casa. Você fugiu de mim...
Mas, às vezes, a menina volta — suja de terra, flores e semente nas mãos.
Me encara, sorri, me entrega o presente — e parte em silêncio.

Fico aqui, na rotina dos dias: entre disciplina, caneta, lembranças, lágrimas,
e plantando as sementes, vou alinhando os sonhos.
Quando o cansaço pesa, a menina retorna, silenciosa, inteira.
Me ajuda na lida, no cuidado com a terra, com nossa casa comum.

Dobra os sonhos, guarda as sementes, me entrega uma rosa,
e vai me ensinando que, além de prover ao corpo a vida,
o cuidado com nossa casa comum alimenta a alma.
E eu, com a mochila nas costas, carregada de sonhos e sementes, caminho.
Vou entregando sementes a quem se dispõe a aceitar.

BRINCANDO E CELEBRANDO O MEIO AMBIENTE!? É O QUE É!?

Vandressa Vitor de Lara Assis

Quem nunca se divertiu com a brincadeira, é o que é!?
hoje na leitura desse poema vai relembrar,
talvez você da geração beta não vai saber o significado,
mas na última estrofe, espero que a resposta tenha chegado, e o feito repensar!

Para celebrar o tema meio ambiente, vamos jogar com as palavras!
Então leitor, adivinhe o que é?
pode ser considerado pouco ou muito a depender da quantidade,
mas apesar dessa imprecisão,
o essencial para a sobrevivência dele e dos seres vivos é a sua diversidade!

Quer saber o seu remédio?
coloque todos os tipos de plantas e microrganismos que tenha em mente,
pois quem disse que a adubação necessária é somente com NPK,
não refletiu sobre a manutenção da vida pela gama de nutrientes

Ele não gosta de ser remexido, somente, quando necessário.
Pois imagine ao seu redor ser mudado todo o ecossistema,
sem pensar em práticas mais sustentáveis ao longo prazo,
e achar que isso não vai gerar nenhum problema!

Agora está ficando fácil. E aí leitor, já adivinhou?
Se sim, tenha mais paciência, porque espero ainda te levar a mais reflexão
Eu já disse o seu remédio, mas faltou dizer a dosagem,
que é buscar e colocar na prática a boa e velha informação!

Não é classificado como feio ou bonito,
mas pode ser preto, amarelo, roxo e marrom.

Não pode ficar descoberto, e digo mais:

matéria orgânica é um dos segredos, e do bom!

Última chance! Ele é o chão de muitos caminhos,

E talvez tenha sido o chão do caminho do famoso poema de Carlos Drumond de Andrade.

O que não podemos chamá-lo é de pequeno,

mas de solo

que é a resposta para essa adivinha e para a sua curiosidade.

NATUREZO-TE

Viviane Camelo

Escrevi em uma folha “Eu te Naturezo”
e você sorriu...
Não entendeu, eu sei!
Nem eu entendo, porque esse amor é orgânico,
sem posse, desconhecido, sem limite

Eu naturezo você!
Quero explicar, mas como fazê-lo?
Paro, penso, reflito e me desafio a defini-lo...

O amor é como a natureza,
forte e suave,
delicado e perigoso,
talvez compreensível, mas incontrolável.

É como o bailar das sementes,
que voam através dos ventos e caem em terra fértil e úmida
sem endereço, sem promessas,
se gastam todas para brotar, florescer e frutificar

Às vezes é roubado,
Como o polén pelas abelhas
Como os frutos pelos pássaros
E no susto de ser retirado de onde sempre foi seu lar
Encontra em outras folhas, pétalas e lugares o acolhimento caloroso que o faz germinar

É como a helicônia, vibrante
É como o Ipê, colorido
Esses florescem, Aquelas se erguem
Ambos belos e tão diferentes

É plural como as florestas
É sereno como o orvalho
E refresca como as fontes
É avassalador como a larva dos vulcões
Às vezes chega como os terremotos, balança tudo e depois acalma

Pode estar oculto como os lençóis freáticos
Ser misterioso como a fotossíntese e o céu
Pode curar como as folhas de chás
Pode machucar como os espinhos
Ser assustador como os grandes animais selvagens

Em tudo são semelhantes,
o amor e a natureza
Até no cuidado, perceba!
Não precisa fogo para ser fértil, adube!
Não corte a árvore, plante!
Cuide da fonte, do ninho!!
E o imperativo mais bonito, contemple!!
Porque é no jogo continuo entre o amanhecer e o anoitecer
Que se emoldura na memória as paisagens e o olhar de quem se ama

Decidi, o meu verbo favorito é Naturezar
Por isso, não te amo
Naturezo-te cada dia mais!

POEMAS DE ESTUDANTES

Noite estrelada no lago Chamado Cuniã
Obra de Flávio Dutka

QUI TERRAM OCCIDIT, PRIMUS MORITUR

Náthally Chisty Vieira de Souza

Há uma fome antiga nos olhos da Terra, uma exaustão que os homens não veem.

Pisamos no solo como quem nada espera,

mas esquecemos que nele nossos ossos também vêm.

O que é progresso senão um epitáfio escrito em fumaça? Cidades erguem-se como colossos de aço,

enquanto rios — veias abertas — sangram promessas que nunca se cumprem no abraço do espaço.

Chamam isso de civilização.

Mas que civilização arranca o coração daquilo que a sustenta?

Que lógica é essa, senão a falência ética

de uma espécie que, para existir, aniquila o que a inventa?

Ouço a floresta emudecida,

como quem grita em língua morta.

As aves — exiladas do céu — buscam guarida em árvores que a motosserra converte em derrota.

E nós?

Nós também somos pó.

Somos húmus e carne, somos a mesma seiva,

mas fingimos autonomia, como quem nega a própria voz.

Se o homem é pensamento, que pense; se é razão, que raciocine:

não há futuro no deserto da indiferença,

não há eternidade em um pulmão que não respire.

Então, antes que a Terra seja apenas palavra,

antes que a esperança vire fósforo no fogo das fogueiras, aprendamos a lição que o chão declama:

quem mata o mundo cava a própria sepultura inteira.

RAÍZES QUE RESPIRAM

Yasmim Gomes de Andrade

Abaixo da terra, há um silêncio antigo,
feito de veias verdes que abraçam o chão.
A seiva sobe, sem pressa, como um segredo,
revelando às folhas a cor da esperança.

O rio, com sua língua líquida,
beija as pedras como quem pede bênção.
Cada peixe é como luz breve,
um sussurro vivo que corta a correnteza.

No peito do vento, dormem histórias
que só as árvores entendem —
elas falam na língua das estações,
traduzem a chuva, decifram o sol.

Mas o ar, por vezes, vem ferido,
evocando o gosto amargo da pressa humana.
E o chão, cansado, geme em rachaduras,
como se pedisse um pouco de cuidado.

Eu, aprendiz da terra, escuto.
Recolho o que sobra de luz na manhã,
planto no quintal um gesto pequeno,
na esperança de que vire floresta.

Porque cuidar é também resistir:
é devolver ao mundo o fôlego que lhe tiraram,
é aprender que cada raiz é um pulmão
e que cada folha é um pedaço do nosso próprio ar.

O MUNDO PODE SER SALVO?

Geovana Gabriele Rodrigues de Oliveira

No peito da terra há um sopro ferido,
Um grito engasgado num tom de fulgor.
As folhas sussurram um canto esquecido,
E o céu, antes limpo, se veste de dor.

“Nós somos discípulos da ancestralidade.
Vozes de memória silenciadas”
Kayapó fala, e sua palavra arde,
Como flecha em direção aos pensamentos mais profundos
Estamos salvando nossa pele ou o mundo?

Que irônico é ver tanta tecnologia
Com alma vazia de raiz e chão.
Erguemos concreto, matamos poesia
E chamamos tudo isso de evolução...

Dizem que o processo é “sustentável” que agora é
“Limpo”, pintam de verde o que fede a morte,
Mas no rótulo bonito, esconde-se o abismo
E a terra sangra, sem nenhum suporte.

Se há futuro ele nasce do chão,
Onde um grafismo ensina direção.
A literatura que vem da mata não é ficção,
É sobrevivência em ação
Ela e a história dizem que a terra se salva sozinha.

ENTRE A TERRA E O TEMPO

Lucas Henrique Machado Cardoso

Nasce o dia no campo encharcado,
Neblina cobre a esperança do chão.
O sol, tímido, beija o Cerrado
E a vida pulsa no coração.

O ar ainda carrega a memória
De quando a mata era canção.
Hoje o trator reescreve a história
Com sulcos fundos no nosso chão.

Entre fileiras de soja e de milho,
A semente agarra a terra em silêncio.
Carrega a fome, o sonho, o pão e o brilho,
Mas também o medo — denso e intenso.

Vilhena respira progresso e poeira,
Fronteira entre o verde e o corte.
A floresta recua, inteira,
Para a lavoura seguir mais forte.

Sou do campo, mas também da ciência,
Ouço a terra antes de plantar.
Sei que sem solo não há permanência,
Nem raiz que possa se firmar.

O rio, raso, sussurra o passado,
Segredos antigos pelo leito marcado.
A chuva, outrora um fado sagrado,

Agora hesita o tempo marcado.

Mas ainda há broto que insiste,
Há vida nova em cada raiz.
O futuro é semente que existe,
E cresce forte em Vilhena, feliz.

A ROSA QUE ERA O PLANETA

Emily Joerbny Conceição Almeida

Das mãos do Homem brotou uma rosa,
Tão pura e bela, carregando
O perfume mais doce da primavera.

O homem estendeu a mão para pegá-la,
Sem saber manuseá-la, e se cortou
Entre seus espinhos;
O sangue respingou, quente e vermelho,
Sobre o chão que silencioso a observava.

Cego pela ambição da pequena rosa,
Feriu a terra, cortou suas pétalas,
Roubou sua cor, seu perfume, seu amor,
Sem perceber que arrancava a vida,
Uma vida que não pertencia só a ele.

A rosa se curvou, silenciosa,
As folhas tremendo, o vento sussurrando,
Os raios do sol apagando-se lentamente,
Como se chorasse cada pétala perdida.

E em seu silêncio, em sua dor,
Ela revelou a verdade:
Não era uma flor,
Era o nosso planeta Terra.

VERDE PELO CINZA

Laura Carolina Araújo Montanari

O vento sopra histórias antigas,
de florestas que dançavam com o sol,
de rios que cantavam ao luar,
de animais que não temiam o amanhã.

Hoje, a canção é outra.
O ar traz cheiro de fumaça,
os rios choram em silêncio,
e as árvores, uma a uma,
caem como soldados esquecidos na guerra.

O homem, em sua pressa,
troca o verde pelo cinza,
o canto pelo ruído,
a vida pelo lucro.

Não percebe que, ao destruir o chão,
cava a própria sepultura.
Mas a Terra ainda respira.
Nasce em cada broto teimoso,
resiste no vôo de um pássaro solitário,
guarda esperança no germinar de uma semente.

Talvez, se ouvirmos seu sussurro,
se respeitarmos seu tempo,
possamos voltar a dançar
na mesma música
que ela compôs para nós
há milhões de anos.

CORRENTEZAS DE NÓS

Jorge William Vicente do Nascimento

Cresci onde a terra molhada ensinava a esperar o verão,
Onde o chão era mais verdade que qualquer lição,
Em um mundo verde com vida pulsante,
A árvore que escutei crescer na janela da vó,
Não me acalma mais,
A última folha caiu.

Já não ouço o sussurro do vento entre as folhas,
O pôr do sol já não é o mesmo,
A sensação de inquietude se espalha no vento,
O barulho do motor ruge, rompe as árvores,
Tudo mudou.

Ouço o mundo cair,
Onde as folhas contavam o tempo,
O cantar do sabiá e a leveza da mata,
Renascer não precisa de barulho.

Um dia o rio secou,
E com ele foi embora o caboclo,
Que nunca contou outras histórias senão correntezas,
A memória se vai no ar.

Acenderam fósforos no pulmão do mundo,
Queimadas que rasgam o céu,
E agora o ar chora em silêncio.

A folha que cai no quintal,
Lembra que verde também é morrer.

Os cantos dos pássaros descansaram em postes de fios,

Estamos arrancando raízes como quem tira memória,
E depois pergunta por que não sabe onde está.

Cada árvore arrancada leva um pedaço de caminho,
E eu, que já me perco fácil, fico sem rumo,
Desfaço-me em silêncio e vento.

CORAÇÃO DE TERRA

Gilmar dos Santos Soares

No ventre da terra há um coração,
que bate ao compasso da chuva fina,
pulsa seiva, raiz e criação,
nutre a vida, o grão, a planta e a nossa rotina.

Cada árvore é costura de esperança,
em folhas, o tempo escreve lições.
Na sombra, a infância dança e balança,
no solo, germinam revoluções.

A terra é mãe com mãos calejadas,
e olhos que choram rios poluídos.
Mas sonha, mesmo esgotada,
com campos limpos e céus floridos.

Plantar é um ato de resistência,
cuidar do chão é reexistir.
Quem ouve a voz da natureza,
não deixará o mundo ruir.

NO CORAÇÃO DO SERTÃO, O MEIO AMBIENTE

Selmo Batista Taveira

Sou caboclo brasileiro,
Habitante do sertão,
Amo firme a floresta,
Tenho o meio ambiente no coração.
Se perguntares, filho,
Onde está o meu amor,
Eu respondo com orgulho:
— Meio ambiente, senhor!

Sou guardião da natureza,
Do riacho ao chão rachado,
Vejo beleza e pureza
Num ambiente abençoado.

Do cerrado à mata verde,
Canto a paz do beija-flor,
Cada árvore que se perde
Traz no peito uma dor.
Planto sonho no meu chão,
Com cuidado e com respeito,

Pois sei que o meio ambiente
Tem um futuro perfeito.
Preservar é meu dever,
É herança do meu avô,
Se a terra faz a gente viver,
A gente cuida com amor.

REFLEXO DA SECA, A DOR DA PERDA

Guilherme Santiago

Entre Florestas, entre olhares
Vejo o reflexo nos olhos da onça,
Buscando compreender o que ainda resta em seu habitat.
A Amazônia queima, mas não somente com fogo;
Porque a sociedade degrada aquilo que é o seu ouro?

Araras, com suas belas cores, sendo apagadas,
A perda da seca fez as lágrimas se tornarem o látex das seringueiras.
E a dor da mata, o que sobra, vira estrada.

Planejamos, reciclamos e palestramos,
Mas mesmo assim parece que voltamos ao ponto em que paramos.
Altamira, Xingu e outros municípios do Norte
Sofrem incêndios florestais todos os anos.
Consequência do clima ou dos humanos?

SE EU MORRER, VOCÊ IRÁ JUNTO

Viviane Soares Guimarães

Perguntei-lhe, você está feliz?
Rude, ergueu mais uma vez a mão.
Suspirei, mais uma marca, mais uma ferida.
Você sabe que um dia não irei aguentar
e deixar-te-ei partir de uma vez.

Certa vez, uma planta tímida e esplêndida,
daquelas que surgem no rio, que cantam com os sapos,
disse:
– "Os sapos me valorizam, porque sabem que sem mim não vivem. Quando eu parto, não há lugar onde se sustentarem."

Olhei para ele outra vez, aquele mesmo ser.
Dei-lhe todo o meu ser: um lugar, uma habitação, o mundo.
Grito todos os dias: sou seu sustento, seu ar, por quê?
Por que não enxerga isso?
Por que me maltrata tanto?

Minhas raízes, secas, doentes, não aguentam mais.
Num último suspiro, um último olhar,
uma última lágrima sem água.
Num céu vermelho de sangue – o meu sangue.
Tombada estarei em um chão marcado por seu veneno.
Se eu morrer, você irá junto.

NO MANTO VERDE A VIDA DANÇA

Yasmim Carvalho de Azevedo

No manto verde a vida a dançar,
Canta a brisa entre folhas e raízes,
Um murmúrio doce, um eco a soar.

A água pleiteia, a terra a amar,
Mas o homem, cego, busca as diretrizes,
No manto verde a vida a dançar.

As chamas que sobem, vão devorar,
Um futuro incerto, a luz que se fez,
Um murmúrio doce, um eco a soar.

Predador voraz, não sabe parar,
Desse ciclo eterno, que se deslizes,
No manto verde a vida a dançar.

Por onde a chuva toca, o sol vem brilhar,
Semeando esperanças em suas matizes,
Um murmúrio doce, um eco a soar.

Se pavimentamos o lar a arrasar,
Que nasça em nós a mudança, as raízes,
No manto verde a vida a dançar,
Um murmúrio doce, um eco a soar.

CICATRIZES DA NATUREZA

Melissa Idagua dos Santos

Vi a Terra chorar, desolada
Quão cinza e calada ela estava
As árvores tombavam, sem palavras
O ar, pesado, sufocava

Olhei para os rios que um dia cantavam
Agora, cobertos por sombras e resíduos
Pensei nas florestas — viajei aos tempos antigos
Onde tudo ainda era abrigo, era lindo

Vi animais fugindo, vi o fogo avançar
Vi o mar cansado, tentando respirar
Vi mãos humanas ferindo o que era sagrado
Mas também vi outras, tentando curar

Então parei...
E a esperança tocou meu coração
Na terra queimada, vi um broto
Em meio à fumaça, um raio de sol

E compreendi...
Que ainda há tempo, se houver união
Que o futuro brota da ação
E da semente da compaixão

FRAGMENTOS VERDES

Thais Moreira Costa

Ela tem nome, asfalto e barulho de caminhões,
É a BR-364, caminho que corta e conecta,
e também fere, silencia e afeta.

A rodovia que une cidades e sonhos,
o asfalto que chegou como promessa e avanços,
hoje é palco de conflitos.
Instalou-se a pressa e a resistência.

Seus quilômetros são cicatrizes no chão,
levando progresso, mas deixando tensão.
O verde recua, o canto do pássaro cala,
enquanto a fumaça exala.

OH MÃE NATUREZA TÃO BELA! SERÁ QUE TODOS VEEM TUA BELEZA?

Henrique de Oliveira Costa

Óh Mãe Natureza, guardiã do tempo e do chão,
teu pulso é vida, tua alma canção.
Dos ventos aos rios, do céu ao mar profundo,
teu reino é força que move o mundo.

Óh mãe natureza, linda tua beleza,
no coração dos ecossistemas,
há uma orquestra viva,
o canto das aves ecoa nas copas,
os polinizadores, beija-flores, mariposas,
todos ecoam sons
que formam a orquestra natural.

Suas plantas são artistas da luz e do ar,
na fotossíntese fazem o mundo pulsar.
Com folhas que absorvem o sol brilhante,
e raízes firmes, abraçando o solo amante.
Elas pintam a Terra em verdes matizes,
brotam flores, frutos, em suaves deslizes.

Falar sobre biodiversidade, será possível listar sua variedade?
Indo de besouro a touro,
abelha pra ovelha,
camaleão a leão,
até de canguru a peru.

Oh mãe natureza, é difícil ver tua beleza?
Aqueles que não veem tua beleza

destroem tua fortaleza.
Com machados e fogo rasgam teu coração,
derrubando a vida em cada extensão.
Oh, Mãe Natureza, clamo por preservação,
pois sem ti não pulsa vida, nem há geração.
Oh mãe natureza,
sua perda trará tristeza.
Quem acaba com tua existência
futuramente sofrerá consequências.

QUANDO TUDO ERA SÓ MATO

Leandro Teles da Silva

"Quando tudo era só mato"
Expressão popular recente que remete a tempos passados
Coisas antigas, variadas, longínquas ao presente estado.
Por que não, de fato, ligá-la a questão do meio ambiente.

Por que "*Quando tudo era só mato*"
Com efeito, havia poucas estradas, cidades, progresso
Precariedade de acesso
Viva o desenvolvimento! Aflijam-se os excessos!

Os reflexos da soberba, da ambição exacerbada,
Sufocou em extremo a paisagem preservada,
Pela exploração, pela fumaça, degradação desenfreada,
Onde tudo era só mato, jaz a mata.

"*Quando tudo era só mato*" não é uma ode ao regresso,
Nem um descrédito ao desenvolvimento ordenado,
É uma crítica ao desiquilíbrio de mentes narcisistas,
Consórcio de pessoas egoístas, hipócritas.
Que tornam o meio ambiente insustentável às vidas.

Ouvimos os seus discursos,
Nos emocionamos com suas lembranças,
'Ah, quando aqui havia, manguezais, animais, florestas!"
"Ah, quando aqui era só mata!"
Mas nos seus atos contradizem, contestam.

"Quando tudo era só mato",
Frase jocosa, reflexiva..., melancólica, de fato.

NATUREZA EM VIRTUDE

Ana Clara Viana Notenes

Alguns podem não compreender
A forma como me apresento a você,
Mas isso não é algo, de fato,
Que eles precisem entender.

Nossa relação é tão íntima,
Mas às vezes me sinto turista — Exploradora em teu interior.
Como explicar o encanto da tua flora?

As vidas que criaste despertam em mim
Mais do que simples curiosidade.
Quero ir além e entender
O caminho da tua mágica.

Como é que tu crias tua arte?
De onde vem a poção do fascínio?
Tu crias além do que se espera,
Surpreendes em cada detalhe.

És fúria, és tempestade,
És brisa suave no fim da tarde,
És calmaria do mar à noite
Com tuas cores que embriagam o olhar.

Tão bondosa és, que permitiste
À criatura que devasta tua obra
Ver pela janela da alma
Todo o teu ser — o que habita em ti.

Os indígenas fazem lendas,
Os cientistas levantam teorias,
As bruxas tecem rituais,
E eu só cultivo esperança: Que a criação jamais se volte contra o criador.

FOI A MÃO DIVINA A TE CRIAR

Antônio Edson Ribeiro Lopes

Como se pode ver e pensar, é de se admirar,
O verde esperançoso e cheio de vida da Mata Amazônica.
Que beleza esplêndida do Norte temos a contemplar!
Quantas riquezas de águas e minérios...
Ó, céu tão azul e sol a iluminar!
Pois só, e somente só, foi a Mão Divina a te criar.

Tua vegetação e os seres a nela habitar...
Quantas canções diferentes eu ouço,
E quantas cores belas posso enxergar!
Tuas plantas e animais, não sei quantos são,
Mas cada um deles é de deslumbrar,
Pois só, e somente só, foi a Mão Divina a te criar.

Que fascínio seria para todo sempre te venerar!
Perfeição sublime e magnífica... Quão bom seria
O ser homem te compreender e respeitar,
Vendo que são partes da mesma natureza,
Vinda de um mesmo lugar,
Pois só, e somente só, foi a Mão Divina a te criar.

Espero um dia não somente sonhar,
Mas ver que o homem e o meio ambiente,
Por mercê divina, possam alcançar
A plena harmonia, sendo uníssonos,
Ambos na mesma sintonia a comungar,
Pois só, e somente só, foi a Mão Divina a te criar.

DESEJO E ESPERANÇA DA VOLTA

Dominik Botelho Moreno

Rio que seca,
Cidade que inunda de água.
Dizem que é castigo,
Mas é culpa dessa manada?
Mata verde em fumaça,
Esse “monstro” é ameaça.

Por favor, dá-me esperança
Da Terra que vi na infância,
Que traziam tanta bonança.
Águas cristalinas
Que brotavam das colinas.

Castanheira já não vejo,
Nem o canto do Jacu, Siriema, Mutum.
Hoje só resta o desejo.

Desejo e esperança
Da volta da mata, da água,
Da fauna e flora de criança.

Mas isso ainda pode mudar,
Se o “monstro” conscientizar
Que para a vida continuar,
Essa superprodução deve parar,
E do seu lar ele cuidar!

TERRA MATER

Júlia Gomes Soares

Mais uma vez eu vejo o sol nascer de uma noite virada.
A clorofila da grama toca em meus pés,
O orvalho espalhado pelas pétalas ao meu derredor.
O cheiro da brisa é bom,
E o canto dos pássaros me agrada.
A luz solar a tudo enaltece na alvorada.

Porque eu olho as estrelas.
E espero a hora da estrela d'alva,
O encontro com a natureza,
Sinto que ela vem me acolher.
A relva sob meu corpo e as estrelas ao amanhecer.

Então se ocorre,
Os seres ao sol, dormem e acordam,
Assim como o campo de girassóis,
Que segue o seu mais profundo amor.
Assim como corujas e morcegos,
Que dormem até o sol não dar mas o ar de seu esplendor.

Então a prole da chamada criação se levanta.
E então se trabalha,
Se planta,
Se expande,
Se vive.

Mas eles continuam destruindo o que se devia proteger,
A cada dia parece que não tem mas onde se esconder.
A fumaça fica mais visível a cada dia,

Eles não entendem tamanho erro que cometem,
Quando vão acabar com esses delírio coletivo?
Quando vão satisfazer o que se deu como certo um dia?

Eu acendi uma vela,
É rezei a Gaia que parem com isso.
Que se acabe com o desespero de tudo que é vivo,
É que preservem *Terra Mater* tanto quando preservam os costumes antigos.

MUDE ENQUANTO HÁ TEMPO

Roberta Dias Ribeiro

Milênios de destruição
Séculos de exploração
Décadas de maldição
Anos de regressão

O tempo espera o dia
O dia que a última árvore será queimada
O dia que a última gota de água será contaminada
O dia em que todos os animais morrerão
E neste dia todos os seres humanos sucumbirão

Os ventos pararão de sussurrar
As flores pararão de brotar
O grito do mar por lixo será silenciado
Enquanto o último animal será assassinado

Logo não terás do que comer
Não terás nada para beber
Suas vidas pela fome e doenças serão ceifadas
Depois que a última árvore ter sido cortada

Ainda há tempo deste futuro impedir
Ainda dá tempo de o meio ambiente salvar
Mas se você somente esperar
Logo o dinheiro não poderá o ajudar
E por fim o ser humano será o último que sucumbirá
Condenados pelas suas ações
Enterrados junto as suas ambições

Nada poderá o salvar
Mude enquanto há tempo de mudar
Faça a diferença antes que seja tarde para parar

O JARDIM

Kaiky de Souza Ribeiro

No início, apenas uma noite estrelada.
Agora, só chuva, raios e trovoada.
Na colina, o Zéfiro dançava, entre os ramos do vinhedo.
No crepúsculo do passado, o primeiro raio de luz brilhou cedo.

— Deixem seus véus sangrarem, ó rosas desgraçadas,
Para que ele, o homem, tenha horror.
— Implore, para o vento do oeste, ó rosas desgraçadas,
Para que ele, a divindade, tenha ardor.

Mal sabiam, que nada adiantaria, ó rosas desgraçadas,
Que deixariam o brilho de um dia [...] que era para ser primoroso, afinal,
Ceifar suas vidas. No rosto, no fim, só resta o temor pelo que estaria por vir.
Porque o homem viria, para acabar com o que era bom

Um dia, o chão que te nutre, o ventre que te sustenta,
No outro, em silêncio; seco, infértil, apodrecido.
Ó rosas desgraçadas, antes do fim, venham até mim, me deixe vivo na morte.
Retorne a mim, como sinal de um choro calado de alguém que jaz partido.
No final, quem te trouxe a mim, foi quem te obrigou a se retirar.
— Bóreas, sopre seus ventos do norte e,
Assim como a mim, mate quem ousou me matar.

BELEZA QUE ESCONDE DOR

Pâmela Vitória Andrade Costa

Querida natureza quão bela tu és
Nenhuma beleza chega aos teus pés.
Com sua beleza a todos encanta
Os animais, matas e rios a ti engalanam.

Mas de longe posso ouvir teu clamor
Sei que choras de dor
Por feridas profundas causadas
Por ganância intencionada.

Eles só querem construir, construir
Mas não veem que a si estão a destruir
Acabando com tudo que lhes cura
E lhe trazem uma vida pura.

Homens cegos com certeza
Pois não conseguem enxergar sua beleza
Uma beleza que acalma,
até os mais aflitos de alma.

Então chega de dor
Pois os mesmos que lhe causam isso
Enxergarão seu valor.

A REVOLTA DA NATUREZA

Katia Silva de Jesus Dias

O homem de hoje em dia, busca muita ganância, em querer e no poder, em ter a sua sustância, esquece da natureza, tão rica de tal maneira que te trouxe a abundancia.

Só se pensa em queimar, criar boi, em desmatar, emissão de co2, sem preocupar em preservar, os rios estão secando, a água acabando e o planeta a esquentar.

Os polos estão invertendo, o clima derretendo, é frio e calor sem rumo, a mudança acontecendo enquanto a população, preocupada em diversão, nada estão fazendo.

O aquecimento global, está mais acelerado, as geleiras virando verde, e o relógio apontado, para o fim dos nossos dias, muita dor, muita agonia, a morte do tal ricasso.

O mar está subindo, cidades se acabando, enchentes, erosão, só vemos destruição, a natureza se revolta, devido a tantas obras, e a nossa ingratidão.

O ser humano é egoísta, não pensa na beleza, de tudo que deus nos deu, para cuidar e ser perfeita, tinha que contrariar, tudo o que o senhor nos dá, de graça e singeleza.

O MEIO AMBIENTE TAMBÉM SENTE

Vera Lucia Buson

No meio ambiente, você vive, você sente, tome conta minha gente
Gente que luta, constrói, destrói e machuca

Ele chora e ninguém sente
O meio ambiente pode ficar doente
Pense nisso quando for jogar lixo no lugar errado
Pois ele está por todo lado, causando erosão que dói no coração

Vamos fazer um combinado, juntos tomar cuidado com nosso querido meio ambiente
Para que ele seja salvo sem ser maltratado

Sem o meio ambiente o que seria da gente?
Vamos cuidar com muito carinho, do meio ambiente carrega a gente.

SEMENTE DO AMANHÃ

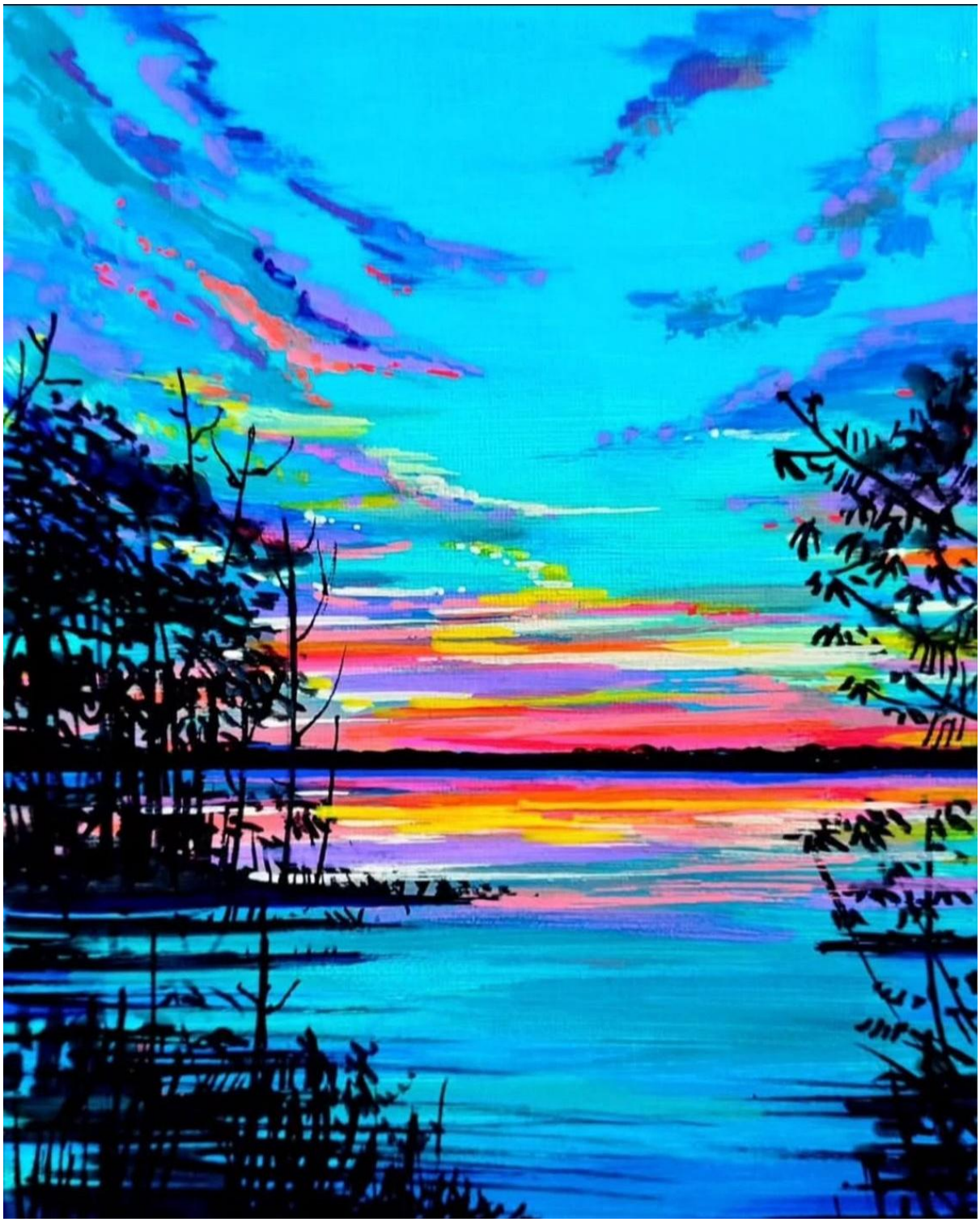
Maria Julia de Almeida Vieira

Pequeno broto no chão
Se espalha por todo lado
Tão miúda vem crescendo
Ocupando todo espaço
Faça chuva ou faça sol
Estou sempre ao seu lado

Mas o sol não brilha tanto
Nem a água é cristalina
Pássaros agora não cantam
Sua bela e doce melodia
O ar tão quente e abafado
Não sopra como deveria

O brotinho deixou de crescer
Por conta da sociedade
Aqueles que dizem que amam
Mas destroem sem piedade
Espero que entendam antes
Que a chuva ácida destrua a cidade.

POEMAS DE CONVIDADOS



Entardecer no lago
Obra de Flávio Dutka

PORTO VELHO

Ernesto Melo

Porto Velho, meu dengo
desde que me entendo,
tu és o meu caso de amor,
o teu céu, o teu sol, o teu ar, teu perfume,
tuas meninas em flor,

O teu verde
é o mais verde dos verdes,
Teu luar,
o mais belo luar,
Quando se faz serenata
tua lua de prata
é um convite pra amar.

Teu rio, o belo Madeira,
me traz o alimento na palma da mão,
Tuas matas guardando tuas caças
que alimentou a minha geração,
Teu solo, teu rico minério,
A tua fartura, teus frutos, teus grãos,

por isso meu peito te encerra
Eu amo esta terra
com toda paixão,

Se eu for cantar Porto Velho,
te juro, meu velho,
não paro hoje não.

Se eu for cantar Porto Velho,
te juro, meu velho,
não paro hoje não.

NATUREZA MORTA

Nilza Menezes

a minha natureza
anda natureza morta
árvores secas, raízes expostas.

a terra cansada de lutar
e de parir árvores
pede socorro ao vento

pela água
a minha natureza
entra nas matas
e está desmatada

de coração ferido.
se afunda nos rios e oceanos
que vomitam plásticos
e meu sol chora sangue
com a fumaça das queimadas.

a minha natureza não se recicla
ferida e poluída
perde seu ciclo,

traumatizada sem terapia
insiste em renascer no sol
de todo dia.

FLAMA

Tiago Lins de Lima

o ambiente em chama
colunas gasosa

flama

o ambiente clama
por uma nova ética
humana

INSTITUTO
FEDERAL
Rondônia